

## **Ciências Sociais e os Estudos sobre Cultura Digital: sua contribuição para pensar a sala de aula da educação básica**

### **Social Sciences and Digital Culture Studies: their contribution to thinking about the basic education classroom<sup>1</sup>**

JOANIS FRANÇA RAMOS DE OLIVEIRA

Professora da Secretaria Estadual de Educação do estado do Amapá. Mestranda no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO/UNIFAP. Especialista em Ensino de Sociologia – UNIFAP. Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UFPA.

[joanis.oliveira@gmail.com](mailto:joanis.oliveira@gmail.com).

DAVID JUNIOR DE SOUZA SILVA

Professor Permanente e atual Coordenador do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional PROFSOCIO/UNIFAP e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional da Universidade Estadual do Maranhão (PPDSR/UEMA). Cientista Social,

Doutor em Geografia.

[davi\\_rosendo@live.com](mailto:davi_rosendo@live.com).

#### **RESUMO**

O presente artigo visa refletir como o uso das redes sociais pelos jovens influenciam na dinâmica das aulas de sociologia na escola de nível médio, diante das transformações digitais que criaram uma nova relação entre escola, cultura digital e processos de ensino-aprendizagem. Buscou-se compreender como as tecnologias de informação e comunicação são apropriadas pelos estudantes conectados e a influência da cultura digital no espaço escolar. Nesse sentido, propomos um olhar para além do grupo escolar, refletir esse jovem que também busca informações nas redes sociais, ao procurar compreendê-los como sujeitos sociais que constroem um determinado modo de se relacionar com uma cultura escolar presente na escola e com uma cultura digital presente nas redes sociais, ou seja, refletir quem são esses jovens que frequentam a escola e as aulas de sociologia, e que buscam interação, socialização na escola e nos cybersespaços. Realizamos uma oficina trabalhada na trilha de sociologia, com o tema movimentos sociais e direitos humanos. A oficina teve como objetivo acessar às discussões no campo da sociologia e antropologia do digital, de modo a conduzir debates informados no ambiente escolar que desenvolva o multiletramento, trabalhando a associação entre os letramentos, científico, digital e pedagógico.

**Palavras-chave:** Cultura Digital. Internet. Juventude. Escola. Redes Sociais. Subjetivação.

#### **ABSTRACT**

This article aims to reflect on how the use of social networks by young people influences the dynamics of sociology classes in secondary schools, given the digital transformations that have created a new relationship between schools, digital culture and teaching-learning processes. We sought to understand how information and communication technologies are appropriated by connected students and the influence of digital culture in the school space. In this sense, we proposed looking beyond the school group, reflecting on these young people who also search for information on social networks, trying to understand them as social subjects who construct a certain way of relating to a school culture present in the school and a digital culture present on social networks, in other words, reflecting on who these young people are who attend school and sociology classes, and who seek interaction and socialisation at school and in cyberspaces. We held a workshop on the subject of social movements

---

<sup>1</sup> Recebido em julho de 2024. Aceito em novembro em 2024.

and human rights, which we worked on in the sociology track. The aim of the workshop was to provide access to discussions in the field of sociology and digital anthropology, in order to lead informed debates in the school environment that develop multilearning, working on the association between scientific, digital and pedagogical literacies

**Keywords:** Digital Culture. Internet. Youth. School. Social Networks. Subjetivation.

## **Introdução**

Hoje, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TDICs) constituem um dos fenômenos histórico-culturais mais importantes do mundo contemporâneo. Inaugura-se uma nova forma de comunicação dependente das tecnologias digitais que alteram profundamente o modo como buscamos e produzimos a informação. Sabemos que a educação do jovem não se limita à escola, ela se dá em outras esferas sociais, como as mídias sociais, essas por sua vez são uma dessas esferas educacionais. Conforme observa-se em todos os lugares como as pessoas estão conectadas às tecnologias, isso faz com que haja uma mudança em suas práticas diárias, em seus modos de vida e na sociedade que impactam diretamente os grupos do qual fazem parte.

A escola é um desses grupos que reflete diretamente essas mudanças que ocorrem na sociedade, impacta o processo educacional tanto no que se refere à educação formal como à informal, principalmente, diante da difusão do fenômeno da tecnologia que chega a este espaço de transmissão e produção de conhecimentos e modificam de certa maneira como desenvolvíamos o processo de ensino-aprendizagem. Os jovens alunos conectados que frequentam a escola de nível médio apresentam uma visão de mundo em processo de construção e ao chegarem à sala de aula trazem em seu mundo cultural sua compreensão da realidade, muitas vezes, formados nos grupos sociais que participam. Hoje, não somente os grupos off-line, mas também os on-line, informam-se, pesquisam, estudam, interagem, compartilham ideias, valores modificando o cotidiano da escola e da sala de aula.

Dessa forma, a justificativa é que por meio das redes sociais, as mais diversas formas de interações sociais foram modificadas, e com isso outras formas de subjetivação, construção de si mesmo e de grupo, se desenvolveram. O jovem aluno que frequenta a educação básica da rede de ensino passa a ter uma nova postura diante das tecnologias digitais e o professor percebe as mudanças que esse novo cenário das tecnologias trouxe para o contexto da sala de aula, modificando a sua prática de ensino. Hoje, o jovem que frequenta a escola de nível médio é altamente conectado e acessa a informação em outros ambientes antes presentes somente em jornais e livros.

Nesse sentido, propomos um olhar para além do grupo escolar, refletir esse jovem que também busca informações nas redes sociais, ao procurar compreendê-los como sujeitos sociais que constroem um determinado modo de se relacionar com uma cultura escolar presente na escola e com uma cultura digital presente nas redes sociais, ou seja, refletir quem são esses jovens que frequentam a escola e as aulas de sociologia, e que buscam interação, socialização na escola e nos *cybersespaços*. Para caracterizar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIDCS), neste artigo, vamos nos limitar apenas a abordar duas tipificações, a *Internet* e as redes sociais por serem essências para o contexto que nos propomos a discutir.

A Base Nacional Comum (BNCC) diz em seu texto que a tecnologia é um instrumento para a formação dos estudantes e que a cultura digital é uma das competências gerais e especificam algumas linguagens para o meio digital que o aluno de nível médio deve dominar, sendo que a escola deve buscar meios para que os estudantes se apropriem das linguagens digitais. Ao buscar aprimorar essa ideia, Buhr, Pedro, Paiva, Brenda, Tavares e Fernanda (2021) apontam a importância do letramento digital nas escolas de nível fundamental e médio, ao refletirem a BNCC de forma teórica e prática, para que o indivíduo possa trabalhar diferentes funções cognitivas, mas também consiga usufruir de diferentes recursos de maneira crítica e autônoma.

Para reforçarmos esse diálogo interdisciplinar neste artigo propomos trazer a sociologia e a antropologia do digital, pois acreditamos serem dois campos importantes para essa reflexão que nos propomos a realizar das tecnologias digitais presentes na escola e no cotidiano dos jovens estudantes. Entender, por exemplo, a influência que essas novas tecnologias têm trazido para o ensino e a aprendizagem na sala de aula, identificar como se dá a busca de informações e a produção de conhecimento pelo jovem aluno que frequenta o ensino médio, como eles lidam com as tecnologias na sala de aula e nas redes sociais. Por outro lado, como o professor percebe o cotidiano da sala de aula com o surgimento da *internet* houve mudança na sua prática, bem como os desafios da escola, em especial, das disciplinas sociologia e a antropologia frente a este novo cenário que se apresenta das tecnologias digitais.

Assim, percebendo ao trabalhar os temas da sociologia e da antropologia que as disciplinas se propõem, observei como os alunos e alunas recorriam às mídias sociais para informar-se sobre os mais variados assuntos, muitas vezes, com informações fragmentadas, sem nenhuma prévia pesquisa em *sites* confiáveis, que de alguma forma, interferiam nas

discussões e no andamento das aulas de sociologia. Isso permite conflitos de ideias e como resultado há uma crescente desinformação.

Os sujeitos desta pesquisa são jovens do 3º ano, com idade entre 17 a 18 anos, que frequentam uma escola de nível médio da rede estadual de ensino, localizada no centro de Macapá. Na maioria, são jovens brancos, constatando a pouca presença de estudantes negros numa escola localizada em região central da cidade. Observa-se que, na maioria, são alunos da camada média e popular que têm acesso à *internet* e as redes sociais, na escola e fora dela. A escola em questão tem uma sala de informática com 22 computadores, com acesso à *internet*.

Diante dessa busca em conhecer essa relação do jovem com a tecnologia, o ensino e a aprendizagem na escola, realizamos uma oficina trabalhada na trilha de sociologia, com o tema movimentos sociais e direitos humanos. A oficina teve como objetivo acessar às discussões no campo da sociologia e antropologia do digital, de modo a conduzir debates informados no ambiente escolar que desenvolva o multiletramento, trabalhando a associação entre os letramentos, científico, digital e pedagógico.

O artigo segue assim estruturado: na primeira seção, apresentamos os conceitos de era da informação, juventude e redes sociais; na segunda seção, tratamos dos estudos de Ciências Sociais sobre o mundo digital; na terceira seção, descrevemos a oficina realizada na escola e os conhecimentos produzidos junto com os estudantes em sua realização.

### **1. Tecnologia: *internet*, juventude e redes sociais**

A partir de meados do século XX, desenvolve-se em escala mundial as bases para a rápida expansão das tecnologias digitais, responsável por modificar radicalmente as estruturas sociais e a forma como nos relacionamos. A era da informação, em que as conexões globais, impulsionadas pela revolução da tecnologia da informação, interligam pessoas e instituições em todo o mundo. Segundo Castells (2003), é uma revolução na sociedade tecnológica da informação em rede ligada pela comunicação, seja por telefone, mídias sociais, canais de rádio e televisão, *internet*, etc. Para ele, o mundo vive uma revolução tecnológica atualmente, com principais eixos da transformação tecnológica em geração/processamento e transmissão da informação.

É um “capitalismo informacional” que assume as tecnologias da informação como paradigma das mudanças sociais do mundo capitalista desde 1980. É uma revolução

tecnológica da informação dentro de um sistema econômico de produção capitalista, a partir das últimas décadas do século XX houve grandes avanços, tendo como característica a transformação da nossa “cultura material” pelo caminho de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação. Para Castells (2003) há uma integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa, entendido como um sistema que integra a escrita, oral e audiovisual, uma comunicação baseada em hipertexto e metalinguagem, a criação da internet nasceu de uma fusão de estratégia militar e a cooperação científica nas universidades, na iniciativa tecnológica e na inovação da contracultura, a base para seu desenvolvimento.

Para a discussão da juventude, Dayrell (2003) que trabalha essa categoria como socialmente construída demarcada por particularidades históricas, sociais, econômicas e culturais distintas. Complementando esta discussão, Luanda (2023) que traz a discussão da influência das redes sociais na educação da juventude a partir do seu uso excessivo. Para esses dois autores aqui elencados é importante pensarmos a temática juventude articulada às configurações contemporâneas. Assim, pensamos a juventude a partir do seu contexto histórico e social, levando em conta as transformações sociais, econômicas e tecnológicas da atualidade, e seu universo simbólico.

Nossas reflexões permeiam a categoria social juventude a partir de uma abordagem sociológica e antropológica, pois nos ajuda a compreender as suas especificidades. Essas categorias são apreendidas não como um estado, ou uma fase da vida a ser superada, mas uma dimensão processual, socialmente produzida, demarcada por particularidades históricas, sociais e culturais distintas. Segundo os autores, não há uma juventude, mas sim uma diversidade de formas e modos de ser jovem. Segundo Dayrell, isto

implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando um outro significado. Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos emoções e desejos, projetos com lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios (DAYRELL, 1996, p. 14).

Esta concertação orienta nossa perspectiva de analisar os jovens a partir da “experiência vivida” na escola e nas redes sociais. A cultura torna-se, assim, um espaço privilegiado para a apreensão das subjetividades dos jovens na cibercultura (DAYRELL, p.141, 1996).

Analisando a imagem a respeito da juventude histórica e culturalmente construída na sua condição de transitoriedade, tendo no futuro na passagem para a vida adulta o sentido das

suas ações, no presente há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade negando o presente vivido. Segundo o autor, essa concepção está muito presente nas escolas, o “vir a ser do aluno” traduzido no diploma e nos possíveis projetos do futuro, com isso tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais ampla que apenas o futuro (DAYRELL, p. 41, 2003).

Outra imagem que se construiu da juventude nos anos de 1960, segundo Dayrell (2003) é a da juventude em um tempo de liberdade, de prazer, de expressão, de comportamento exótico. A essa ideia se alia a ideia de moratória com um tempo para ensaio e o erro, para experimentações. A mais recente é de perceber o jovem reduzido apenas ao campo da cultura, quando envolvido em atividades culturais, segundo essas imagens convivem com outra, a juventude vista como um momento de crise, uma fase difícil dominada por conflitos com autoestima e/ou com personalidade, com um momento de distanciamento da família, que aponta como crise da família como instituição socializadora (DAYRELL, p. 41, 2003).

O jovem estudante está em contato diário com as mais diferentes tecnologias, ditando um novo ritmo de vida, influenciando pensamentos, comportamentos, hábitos e costumes, ou seja, novas formas de constituir sujeitos, de ser e estar no mundo, e, conseqüentemente, novas modelos de relacionamentos, de visão de mundo vão se estabelecendo, por isso

em toda a história da sociedade, as pessoas se organizaram de diferentes formas de estabelecer conexões e se comunicarem e com o avanço da tecnologia, as redes sociais se tornaram espaços de troca de experiências e interações online, aproximando pessoas de todos os cantos do mundo (SABALO, p.79, 2023).

Segundo Sabalo (2023), quando se houve falar em “redes sociais” se faz uma imediata associação com alguns canais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, etc., com finalidades diferentes que podem sofrer alterações consoante à atualização das ferramentas etc. Observa-se que as redes sociais podem e devem ser utilizadas como uma ferramenta de comunicação, mas existe algo que a internet não pode proporcionar, a interação e o ambiente social, sendo que a permissão do seu excessivo uso leva à banalização da interação social e à superficialidade das relações interpessoais, mas que por outro lado, ditam um novo formato de organização social, novas práticas sociais, alterações da própria vivência do espaço e do tempo como parâmetro da experiência social.

Para Luanda (2023) existe muita discussão sobre a influência das redes sociais na sala de aula, e o acesso às mídias sociais passam pela responsabilidade do jovem, daí a

necessidade de compreender o conceito de juventude. A influência dessas novas tecnologias é perceptível, e não dá para ignorá-las, uma vez que por meio dessas interações têm-se modificado as mais diversas áreas da atividade humana, tais como: a educação formal, acesso à cultura, a participação política, os modos de interação, a sexualidade, o consumo. Outra preocupação dos estudiosos das redes sociais é o impacto dessas redes sociais na vida das pessoas, nomeadamente da juventude, com o uso excessivo de horas dedicadas ao manuseio dessas redes, sem critérios de busca por informações e atuações.

Portanto, faz-se necessário compreender estas transformações, as fontes educacionais que estão formando esses estudantes, escola e redes sociais, expor o choque que ocorre dessas novas tecnologias que são inseridas pelos sujeitos em um ambiente educacional ainda resistente a elas, uma vez que devido ao fato de ambos ambientes terem importante influência no processo de subjetivação do indivíduo, compreender o impacto e influências dessas mídias na escola, nos alunos em idade escolar pode contribuir com preciosas informações para o meio educacional.

## **2. Sociologia e antropologia do digital no ensino médio**

Com a chegada das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIDCS) na escola observou-se as transformações que a *internet* trouxe para a sala de aula, especificamente, nas disciplinas das humanidades no processo de ensino e aprendizagem. Ao desenvolvermos os conhecimentos que as disciplinas se propõem percebemos como os alunos e alunas recorriam às informações nas mídias sociais sobre os mais variados temas, principalmente, aos temas sensíveis como gênero, democracia, cultura, movimentos sociais, política, direitos humanos, entre outros. Essas buscas por informações se davam sem nenhum critério em sites de busca, gerando com isso conteúdos duvidosos e fragmentados possibilitando a abertura para as *fake news* e a desinformação.

Para atingir os objetivos deste trabalho e compreender essa nova configuração que as tecnologias digitais possibilitaram na escola, na prática do professor, na juventude e no ensino das ciências sociais trazemos para esse campo de discussão as ciências sociologia e antropologia do digital que acreditamos serem as duas ciências que têm muito a contribuir teoricamente para uma análise mais precisa sobre as transformações que o fenômeno da Tecnologia da Informação e de Comunicação trouxeram para nossa sociedade e para a cultura escolar.

Para essa investigação reflexiva, utilizaremos as ferramentas conceituais de Leonardo Nascimento (2020) que traz a discussão da necessidade da Sociologia Digital, como importante para compreensão do fenômeno das tecnologias digitais que para ele representa um novo campo de estudo delimitado ou separado de outros campos clássicos da sociologia, em que as tecnologias digitais na sociedade contemporânea constituem um conjunto de fenômenos de proporção e consequências tão amplas que todos os tradicionais campos da Sociologia serão afetados e transformados por eles.

Essa relevância se justifica também para o ensino de sociologia digital na educação básica, uma vez que o contato com as linguagens tecnológicas já começa desde a infância e vem se intensificando quando esses jovens chegam à escola de nível médio. Esse estudante está em contato diário com as mais variadas tecnologias, e os recursos tecnológicos fazem parte do seu cotidiano, informam-se, estudam, relacionam-se com pessoas, independente da distância geográfica, utilizando os recursos de informação e comunicação proporcionados pela *internet*, criando desta forma uma rede de relacionamento social digital.

Neste contexto, a escola é um espaço de informação, construção do conhecimento e de aprendizagem, além disso tem um papel importante na reflexão da difusão das notícias falsas - *Fake News*, agressões de cunho preconceituosas e racistas cada vez mais presentes nos ambientes virtuais. É necessário, analisar, entender, combater esse tipo de violência em contexto de socialização midiáticos e escolares com o objetivo de minimizar o impacto na formação e pleno desenvolvimento dos jovens estudantes. Respalda o aluno leitor para uma reflexão e um alerta à credibilidade dada às notícias situadas nas redes sociais e nas ações de compartilhamento no âmbito virtual.

Para Nascimento (2020), é urgente estimular o debate da sociologia digital nas ciências sociais que representa um desafio para pensar questões como: quais os impactos das tecnologias digitais para a vida dos jovens? Como os tradicionais temas de estudo da sociologia estão sendo afetados por estas tecnologias? Como a prática da pesquisa e a divulgação dos resultados está mudando o trabalho dos sociólogos? Como a desinformação influencia nas aulas de sociologia? Como navegar com segurança? Como a inteligência artificial pode produzir a injustiça algorítmica? Como discutir as questões éticas implicadas no manejo dessas tecnologias a partir da compreensão dos direitos Humanos? Em suma, qual o papel e a contribuição da sociologia e dos seus artífices nesse mundo digital de grandes dados continuamente produzidos *online*?

A importância de propor uma reflexão sobre como a sociologia clássica precisa de uma “atualização” para poder entender um conjunto de fenômenos, que de fato não existiam para os autores e pensadores tradicionais, como as tecnologias digitais. A partir do exposto acima, voltar a atenção para a necessidade de reflexão para aquilo que coloca como uma afirmação, se concretizar estaríamos diante do seguinte cenário, nesse sentido

quando o tradicional campo da Sociologia do Trabalho começar a estudar os aplicativos de carona e/ou transporte, isto seria em certa medida a “Sociologia do Trabalho”. Quando os Sociólogos da Saúde passarem a investigar os aplicativos e os dispositivos vestíveis (wearables) de monitoramento corporal – como pulseiras e relógios inteligentes eles estariam fazendo uma “Sociologia Digital da Saúde”. Assim, valeria para a “Sociologia da Arte e da Cultura” com as “tecnologias imersivas e de realidade virtual aumentada” em voga em alguns museus, poderiam se estender aos estudos sociológicos sobre a desigualdade, a economia, o desenvolvimento, a violência e tantos outros (NASCIMENTO, 2020, p.8).

Dentro desse contexto de análise, Nascimento (2020) nos diz que todas as vezes que falarmos do “digital” ou de “tecnologias digitais” estaremos enfatizando os aspectos sociais e culturais desses atores nas sociedades contemporâneas, ou seja, o digital vai afetar “todos os aspectos da vida humana organizada: econômico, estético, cultural, religioso, físico, geográfico, emocional/pessoal” (Nascimento, 2020).

A antropologia digital é um campo ainda em construção que reflete sobre seus fundamentos de uma subdisciplina da antropologia no estudo das relações entre tecnologias e humanidades, com ênfase nos sentidos culturais entre as experiências locais e globais. Bem como, os estudos sobre os usos sociais das tecnologias digitais e suas possibilidades de realizar comparações culturais, que leva em consideração a contextualização sócio histórica das culturas analisadas.

No entanto, a antropologia hoje na educação básica está ligada à disciplina sociologia, e desde de 2011 está inserida no ensino médio de toda a rede de ensino. As diretrizes curriculares indicam que seus conteúdos devem contemplar as ciências sociais, incluindo antropologia e ciência política (PCNEM+ e OCEM). Os conhecimentos da antropologia são apresentados aos estudantes por meio do conceito de cultura, sendo que seu lugar no ensino médio aparece como enriquecimento de temas discutidos na sociologia.

Um dos motivos apontados pelos pesquisadores da antropologia é a escassez de estudos sobre o lugar e o sentido do ensino da antropologia no nível médio. Isso se estabelece porque os estudos sobre a história e o campo da antropologia no Brasil corroboram a hipótese de que a disciplina se consolidou e ainda se caracteriza por sua forte vinculação ao ambiente

universitário no país, bem como por um distanciamento em relação ao campo da educação (FONTES, p.29).

Neste sentido, para entendermos qual o lugar da antropologia na educação de nível médio é necessário conhecer a sua trajetória histórica como disciplina escolar no Brasil. Segundo Fontes (2019), o saber emergia de maneira marginal nos manuais, quando os autores abordavam ciências complementares ou afins à sociologia. No contexto atual, com as ciências sociais já estabelecidas no ensino básico, essa abordagem da antropologia e da ciência política complementar à sociologia não desapareceu nos manuais aprovados no PNLD 2018 (FONTES, p. 21, 2019).

As experiências etnográficas comparadas aos diversos países como Turquia, Índia e Brasil (Costa, 2016; Spyer, 2017; Machado 2017) revelam como os usos das mídias digitais em diferentes culturas e locais podem ter significados eminentemente particulares. Em um vilarejo indiano, por exemplo, nomeado Panchagrami, segundo o antropólogo Venkatraman (2017) seus moradores tendem a vivenciar uma experiência cultural ainda marcada pela ideologia de castas e subcastas. Nessa cultura, o *WhatsApp* tem a expressiva função de garantir a sociabilidade nas redes familiares e é a principal plataforma para acomodar as trocas de comunicação local entre pares (MACHADO, p.2, 2017). Nesse viés,

No Brasil, nas favelas do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, os jovens moradores que possuem smartphones tem, em média, de 15 a 20 grupos de amigos na plataforma do WhatsApp, em uma escala de sociabilidade de gradações entre grupos como os amigos mais íntimos, ou até os apenas conhecidos traduzindo a experiência da cultura participativa e coletiva, do território para o mundo das redes sociais (MACHADO, p.2, 2017).

Assim, diversos jovens de comunidades fazem usos criativos para reafirmar a identidade do território associando discursos no *Facebook* que valorizam a cultura local: a musicalidade, as tradições religiosas, as experiências de sociabilidade, as reivindicações por direitos ao estudo, a voz, o entretenimento, a moradia digna (MACHADO, p.6, 2017).

Diante deste cenário desafiador das tecnologias digitais, a importância por parte das ciências sociais de compreender o lugar de cada disciplina na educação básica (sociologia, antropologia e ciência política), ser apresentada aos alunos da educação básica com a definição de cada campo de atuação, não apenas com o objetivo de enriquecer o debate de temas na sociologia como é feito hoje, mas levar o jovem a ter esse entendimento do lugar que cada ciência ocupa na sociedade e nas ciências sociais.

Para refletir acerca desse cenário em que a *internet* que já está incorporada ao cotidiano dos jovens estudantes e que trazem diversas linguagens tecnológicas, desenvolvemos com os alunos dos 3º anos de uma escola secundária de Macapá, uma oficina de movimentos sociais e direitos humanos na disciplina de trilhas. A oficina aliou discussões teóricas e atividades práticas, ao visar uma forma mais didática e interessante de trabalhar os movimentos sociais para que os alunos e alunas percebam que o uso das tecnologias pode auxiliá-los também no desenvolvimento de suas atividades escolares.

### 3. OFICINA – MOVIMENTOS SOCIAIS E DIREITOS HUMANOS

Nesta oficina no primeiro momento trabalhamos o conceito de cidadania e ativismo político e explicamos a relação entre direitos humanos e movimentos sociais para construção de suas reivindicações. No segundo momento, propomos uma breve explanação histórica sobre movimentos sociais. No terceiro momento, trabalhamos os movimentos sociais no Brasil propondo aos estudantes uma busca em *sites* de notícias, debatendo o que é “Fato ou Fake” nas notícias encontradas, como uma forma de desconstrução das ideias falsas sobre os movimentos. O quarto momento foi aprender a manusear a plataforma no *removebg* e no *canva*, para desenvolverem uma colagem digital sobre os movimentos sociais.

O objetivo foi possibilitar aos alunos compreender os diversos movimentos sociais presentes na sociedade brasileira, histórico de estruturação, objetivos, características, bandeiras de lutas, e que fazem grandes transformações na sociedade e a desconstrução de conhecimentos falsos que se espalham nas mídias em geral sobre os movimentos sociais.

Os conceitos mobilizadores foram ativismo; movimentos sociais; direitos humanos; preconceito; discriminação; desigualdade social; fato x *fake*.

Os recursos didáticos utilizados para a Oficina são:

- Power Point, Vídeo do Youtube: “Ativismo e Juventude”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFvUmonOJcM> . Acesso em: 18/11/2024.
- Plataforma canva <http://www.canva.com/> <https://www.remove.bg/pt-br>. Acesso em: 18/11/2024.
- <https://br.freepik.com/> <https://midianinja.org/afluente/ninja-foto/>. Acesso em: 18/11/2024.

Abaixo apresentamos a descrição das etapas da oficina:

Primeiro momento: o que é ativismo?

Para que os estudantes se familiarizem com os objetivos da experiência da oficina, propomos uma apresentação de um vídeo sobre o que é ativismo político e em seguida explicamos como os direitos humanos são importante para compreensão das demandas dos movimentos sociais e como as redes sociais podem ser uma forma de se manifestar, uma rede muito utilizada pelos movimentos sociais para denunciar ou chamar atenção para algo que consideram importante.

Segundo momento: movimentos sociais e direitos humanos

Realizamos um apanhado histórico relacionando a direitos humanos fundamentais, expondo desigualdades sociais, discriminação, narrativas da violência e como se estruturam na sociedade brasileira.

Terceiro momento: dinâmica fato ou *fake*

A dinâmica consiste em apresentar algumas afirmativas envolvendo os movimentos sociais e pedir que aos estudantes digam se consideram como fato (verdade) ou *fake* (mentira) e expliquem sua resposta. Para saber se a resposta está correta é necessário recorrer aos *sites*, para verificar se a notícia é verdadeira ou falsa.

Quarto momento a colagem como uma ferramenta crítica da aprendizagem.

O uso da plataforma *canva* como exercício de colagem digital sobre os movimentos sociais, o qual objetiva com que os estudantes coloquem em prática os conhecimentos teóricos apreendidos e o uso da plataforma *online* de uso gratuito como uma ferramenta crítica de aprendizagem. Este momento se estruturou em etapas: conhecer a plataforma *canva* e suas funcionalidades; escolher um movimento social de sua preferência e em seguida selecionar as imagens do movimento escolhido; elaborar uma colagem do movimento social escolhido e em seguida elaborar um pequeno texto que retrate o movimento escolhido a partir das imagens; compartilhamento das colagens com a turma.

A oficina consiste em despertar no jovem aluno que trabalhar com colagem para além da prática de colar uma imagem sobre a outra como fazíamos nos recortes de revistas estávamos desenvolvendo a capacidade de nos expressar, por meio de imagens ao trabalhar com a construção da percepção visual, o aguçar da imaginação e da criatividade e compreender que a colagem digital pode ser no campo do ensino, mais do que representação visual, colocando-se como ferramenta para construção do senso crítico do aluno e da aluna.

## **Considerações Finais**

As redes sociais ocupam um papel fundamental na formação da juventude. No mundo todo 5,04 bilhões de pessoas utilizam redes sociais, esse dado representa 62,3% da população mundial. É esperado que este número salte para aproximadamente 5,85 bilhões de usuários em 2027. No Brasil há 187,9 milhões de internautas, o que representa 86,6% da população total do país. Inclusive, o percentual é o mais alto que a média sulamericana de 82,5% da população total do país (Dados retirados da We Are Social and Meltwater 26/03/2024).

Quando olhamos os dados voltados para a juventude no Brasil, esse número chega atualmente a 95% da população de 9 a 17 anos de usuários de redes sociais, o que representa 25 milhões de pessoas. Mesmo que as desigualdades socioeconômicas, digitais e educacionais excluam milhares de pessoas do mundo digital, isto é, 24 milhões de pessoas são consideradas excluídas, dados digitais (IBGE, 2023), ainda é alto o número de pessoas ativas nas redes sociais.

Dentro deste contexto, compreendemos que as redes sociais de relacionamento se configuram como uma fonte educativa que influencia na construção da visão de mundo dos jovens em idade escolar. Em um contexto onde as redes sociais têm sido cada vez mais utilizadas por crianças e adolescentes, a difusão das notícias falsas, *Fake News*, agressões de discriminatórias devem se tornar preocupação pública pois impactam diretamente a subjetivação e educação dos jovens.

É necessário analisar, entender, combater esse tipo de violência em contexto de socialização midiáticos ou educacionais com o objetivo de minimizar o impacto na formação e ao pleno desenvolvimento dos jovens estudantes. Trazer o estudante leitor para uma reflexão e um alerta a credibilidade dada às notícias situadas nas redes sociais e nas ações de compartilhamento no âmbito virtual. Essa tendência ocorre, pois na atualidade, os indivíduos tendem a compartilhar notícias fundamentados principalmente nas suas crenças pessoais, assim a educação midiática se torna essencial. A educação em relação a isto é uma dimensão crucial do letramento digital e da cidadania digital.

O relatório “Leitores do século 21”: desenvolvendo habilidades de alfabetização em um mundo digital”, da Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCED), realizado entre estudantes brasileiros de 15 anos, constatou que 67,3% deles têm dificuldade em diferenciar fatos de opinião ao lerem textos. Em outro estudo, somente 27% dos estudantes de escolas públicas e 18% de escolas privadas receberam orientações sobre como avaliar a qualidade das informações *online*.

Concluimos na nossa pesquisa que a juventude no campo educacional está cada vez mais conectada utilizando-se dos recursos e ferramentas da cibercultura como mediadoras dos processos de aprendizagem ligados aos modos de estudar e aprender e tem nas redes sociais, além de um espaço de entretenimento, também um espaço de busca de informação. É a influência dos elementos dos ciberespaços na busca por uma aprendizagem mais rápida alinhada a uma linguagem própria do universo desses jovens. Os desafios são imensos diante da rápida mudança que este cenário no ambiente educacional nos apresenta, a influência que as redes sociais exercem sobre o jovem aluno, a dificuldade de diferenciar uma opinião de um fato, de não saber lidar com as fake news, com a desinformação, com o cyberbullying. Assim, a educação, através dos conhecimentos sociológicos e antropológicos é o caminho para discutirmos e orientarmos os jovens nessa galáxia digital desconhecida que é a internet.

Assim, a escola de nível médio precisa acessar discussões científicas no campo da sociologia e da antropologia digital de modo a conduzir debates informados no ambiente escolar e o multiletramento dos jovens alunos e alunas, trabalhando a associação entre letramentos científico, digital e pedagógico, que objetiva formar jovens letrados e conscientes sobre o funcionamento da *internet*, das redes sociais e o mundo digital como um todo. Diante deste cenário desafiador, percebemos a importância de pensarmos a inclusão no currículo das ciências sociais, conteúdos da sociologia e da antropologia do digital na educação básica que podem servir de suporte teórico e os conhecimentos a práticas pedagógicas para o professor(a) para assim saber lidar com os novos desafios que as tecnologias trouxeram para a educação.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em redes - Economia, Sociedade e Cultura**, Volume I, 6<sup>o</sup> ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2002.
- DAYREEL, Juarez. **O Jovem Como Sujeito Social**, Revista Brasileira de Educação Set /Out /nov. /Dez 2003 No 24.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos Humanos e Cidadania**. 2. ed., São Paulo: Moderna, 2004.
- FONTES, Barbara de Souza. **Entre o “chão da escola” e a universidade: a antropologia nos manuais didáticos de sociologia**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), 2019.

*Rev. Interd. em Cult.e Soc. (RICS)*, São Luís, v.10, n. 2, jul/dez.2024  
ISSN eletrônico: 2447-6498

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LUANDA, Sabalo João. **A Influência das Redes Sociais na Educação da Juventude: Vantagens e Desvantagens**, Revista Evolução Ano IV-Nº45 – outubro de 2023.  
[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

MACHADO, Mônica. **Antropologia Digital Para as Humanidades Digitais**, Z Cultural Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea.

NASCIMENTO, Leonardo F. **Sociologia Digital: uma breve introdução**. – Salvador: EDUFBA, 2020.

SITE:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/pesquisa-mostra-que-95-das-criancas-e-adolescentes-acessam-internet>. Acesso em: 22 de novembro de 2024